



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA.

FACULDADE DE ITAITUBA-FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

FRANCISCO CASTRO DA SILVA

**COMUNIDADE DO CREPURIZÃO: um registro dos aspectos
históricos e econômicos**

Itaituba - PA

2019

FRANCISCO CASTRO DA SILVA

**COMUNIDADE DO CREPURIZÃO: um registro dos aspectos
históricos e econômicos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em História.
Orientadora: Prof^ª Mestra Raquel Peres Rocha

Itaituba - PA

2019

FRANCISCO CASTRO DA SILVA

**COMUNIDADE DO CREPURIZÃO: um registro dos aspectos
históricos e econômicos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em História.
Orientadora: Prof^ª Mestra em História Raquel
Peres Rocha

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/ Orientadora: _____ Nota: _____
Prof^ª Raquel Peres Rocha, Ma.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof^ª Dalmira de Sa Almeida, Dra.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof^ª Elines dos Santos Batista, Ma.

Resultado: _____ Média: _____

Itatuba-PA, 21 de novembro de 2019.

À minha família, em especial à
minha mãe Magnólia e ao meu pai
Valdimiro e minha esposa Kássia Patrícia,
pelo amor, carinho e estímulo que me
ofereceram. Dedico-lhes essa conquista
como gratidão.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** pela força, pela ajuda e o carinho que tem me dado durante esta caminhada.

A minha família, a minha mãe **Magnólia** e meu pai **Valdimiro**, a minha irmã **Geane**, a minha esposa **Kassia Patricia**, pelo apoio e dedicação nessa longa e difícil jornada que nunca deixaram eu desmotivar para alcançar essa vitória, que é nossa.

A minha orientadora **Raquel Peres Rocha** pelo apoio e dedicação nessa reta final do curso.

Aos meus amigos de curso: **Wislane, Josenildo, Andrade, Jairo, Walbiane, Washington, Fagner, Jonathan, Wizivane, Ronaldo, Ednamar**, pelo apoio e companheirismo nessa longa jornada acadêmica, que durante quatro anos dividimos.

Aos meus professores da FAI: **Raquel Peres, Caren Alessandra Kluska, Huyrysmar, Ricardo Ney, Mara Aparecida, Márcio**, pelo conhecimento adquirido e compartilhado conosco ao longo do curso.

Aos colegas de trabalho na Escola Prof^a. Ieda Maria Gomes Barbalho: a **Suely, Wanda, Adrielli, Joselia, Ermivaldo, Marinez, Núbia**, pelo apoio e as palavras de incentivo nessa trajetória acadêmica.

A Faculdade de Itaituba pela oportunidade, que nos deu para curso Licenciatura Plena em História, e pelo apoio dos funcionários que compõem a secretaria da IES.

*A nossa maior glória não reside no
fato de nunca cairmos, mas sim em
levantarmo-nos sempre depois de cada
queda.*

“Confúcio”

RESUMO

Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema é, Comunidade do Crepurizão: um registro dos aspectos históricos e econômicos. Tem como objetivo observar a importância da comunidade do Crepurizão para as futuras gerações da localidade. O estudo traz como problemática a comunidade do Crepurizão localizada a 500 kms de Itaituba/Pará, às margens do rio Crepuri, ainda não possui um registro historiográfico, sobre a mesma, desde a sua fundação, há mais de vinte anos. Portanto, pretende-se realizar este registro solucionando esta problemática, como também pesquisar qual foi e qual tem sido a contribuição econômica da mesma, e analisar qual é o papel da comunidade do Crepurizão no contexto histórico da região itaitubense. Abordar a história das comunidades é muito importante, pois na história tradicional esses moradores, nunca eram ouvidos, e suas histórias não eram contadas, por eles não serem considerado pessoas importantes. Foram levantados dados fornecidos por populares, conforme a técnica de pesquisa de campo, através do relato oral. Também será de caráter qualitativo no qual serão feitas interpretações das informações levantadas na pesquisa de campo. Até então a história da comunidade era contada somente pelas vozes dos vencedores, dos detentores do poder. A possibilidade de construção da nova história cultural permite que o historiador faça uso dessas fontes, contando a história local pela voz dos próprios moradores, assim foi realizado um levantamento histórico dos dados da comunidade, como a política, cultura e economia por meio da pesquisa bibliográfica, com autores de renome como Monteiro, Almeida e entre outros.

Palavras-chaves: Historiografia Local. História das comunidades. Crepurizão.

ABSTRACT

It is a Course Conclusion Paper whose theme is, Crepurizão Community: a record of historical and economic aspects. It aims to observe the importance of the Crepurizão community for future generations of the locality. The study has as problematic the community of Crepurizão located 500 kms from Itaituba / Pará, on the banks of the Crepuri River, has not had a historiographical record about it since its foundation more than twenty years ago. Therefore, it is intended to make this record solving this problem, as well as research what was and what has been its economic contribution, and analyze what is the role of the Crepurizão community in the historical context of the Itaitubense region. Addressing the history of communities is very important, because in traditional history these residents were never heard, and their stories were not told because they were not considered important people. Data provided by popular according to the field research technique were collected through oral report. It will also be of a qualitative character in which interpretations of the information raised in the field research will be made. Hitherto the history of the community was told only by the voices of the overcomers, the holders of power. The possibility of building a new cultural history allows the historian to make use of these sources, telling the local history by the voice of the residents themselves, thus a historical survey of the community data, such as politics, culture and economy through bibliographic research was conducted. , with renowned authors such as Monteiro, Almeida and others.

Key-words: Local Historiography, History of communities, Crepurizão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comunidades primitivas..	12
Figura 2 - Comunidades primitivas e seus trabalhos.	17
Figura 3 - Sociedades modernas.....	20
Figura 4 - Comunidade indígena.	23
Figura 5 - Localização geográfica comunidade Crepurizão.	36
Figura 6 - Mapa de Itaituba-PA.....	37
Figura 7 - Currutela e a pista do garimpo Crepurizão.	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 ORIGEM HISTÓRICA DAS COMUNIDADES	12
2.1.1 Conceito de Comunidade.....	12
2.1.2 A Historicidade das comunidades primitivas.....	17
2.1.3 As transformações da comunidade comunitária em societária.....	19
2.1.4 Exemplos de sociedades que vivem em comunidade na atualidade.....	23
2.2 A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E AS MUDANÇAS DE PARADIGMAS HISTORIOGRÁFICOS.....	26
2.2.1 As Correntes Historiográficas e sua Influência na História Nacional.....	27
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	32
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	32
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	37
4.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE CREPURIZÃO – ASPECTOS FÍSICOS E HISTÓRICOS.....	37
4.2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS.....	39
4.3 ASPECTOS POLÍTICOS E ECONÔMICOS DA COMUNIDADE DO CREPURIZÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE ITAITUBA.....	40
5 CONCLUSÃO.....	43
APÊNDICES	46
APÊNDICE A.....	46
APÊNDICE B.....	47
ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia cujo tema é a Comunidade do Crepurizão: um registro dos aspetos históricos e econômicos, tem como objetivo principal elencar a importância da comunidade do Crepurizão, na história da região, criando assim, através desse estudo, fontes para as futuras gerações. E objetivos específicos: Registrar a História da comunidade do Crepurizão, desde sua fundação; e analisar a participação econômica da comunidade do Crepurizão na economia de Itaituba.

A comunidade do Crepurizão localizada a 500 kms de Itaituba/Pará, às margens do rio Crepuri, da qual é a rica origem da referida comunidade, ainda não possui um registro historiográfico, sobre a mesma, desde a sua fundação, há mais de vinte anos.

Portanto, pretende-se realizar este registro solucionando esta problemática, como também pesquisar qual foi e qual tem sido a contribuição econômica da mesma e analisar qual é o papel da comunidade do Crepurizão no contexto histórico da região itaitubense. A presente pesquisa tem como questões norteadoras: Qual a contribuição econômica da comunidade do Crepurizão para a economia de Itaituba? Qual é o lugar da comunidade Crepurizão na história local? Qual a importância de se registrar a história da comunidade do Crepurizão?

Falar da história das comunidades é muito importante, pois na história tradicional esses moradores, nunca eram ouvidos, e suas histórias não eram contadas, por eles não serem considerados pessoas importantes. Até então essa história era contada somente pelas vozes dos vencedores, dos detentores do poder. A possibilidade de construção da nova história cultural permite que o historiador faça uso dessas fontes, contando a história local pela voz dos próprios moradores.

O estudo teve como metodologia primeiramente elaborar um levantamento histórico dos dados da comunidade, como a política, cultura e economia por meio da pesquisa bibliográfica, com autores de renome como Monteiro (2012), Almeida (2012), entre outros. Foram levantados dados fornecidos por populares, conforme a técnica de pesquisa de campo, através do relato oral. Também foi de caráter qualitativo no qual foram feitas interpretações das informações levantadas na pesquisa de campo.

A presente monografia está dividida em seções e subseções, nas quais a primeira seção faz um breve panorama da História das comunidades e sua

importância na contextualização historiográfica do ser humano, na sequência, foi abordado, a questão das correntes historiográficas e a quebra dos paradigmas com o surgimento da História Nova e a escola dos Annales, e concluindo, foi apresentada a pesquisa desenvolvida na comunidade do Crepurizão, junto aos moradores locais, para responder as questões levantadas na presente pesquisa, a conclusão e referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ORIGEM HISTÓRICA DAS COMUNIDADES

2.1.1 Conceito de Comunidade

A origem da palavra comunidade vem do termo do latim *communitas*, que se refere à qualidade daquilo que é comum a todos, no qual é definido, ao conjunto de pessoas que fazem parte da mesma população, de uma região, ou nação, que compartilham os mesmos aspectos e acordos políticos, econômicos, culturais e sociais (BRANDÃO, 1984).



Figura 1 - Comunidades primitivas. Fonte: www.pinterest.com.br Acesso em 18/11/18.

Comunidade também pode ser um grupo de seres humanos que partilham elementos em comum, como seus costumes, a língua, seu idioma, a mesma visão de mundo, valores éticos e morais, e a mesma posição geográfica, e esse compartilhamento cria uma identidade comum a todos, os tornando em grupos ou comunidades (BRANDÃO, 1984).

O conceito de comunidade é um conceito familiar aos antropólogos e sociólogos, enquanto instrumento eficaz para a análise de microssistemas, e tem vindo progressivamente a ser usado pelos historiadores para o enquadramento de estudos locais. Tem-se tornado também num ponto de convergência das abordagens destas três disciplinas. No entanto, o conceito de "comunidade" é notoriamente esquivo. Uma vez referem-se a algo existente no "mundo real", outras vezes a um artifício para dar forma

à investigação e ainda outras ao produto final desta. Neste último sentido, pode dizer-se que uma comunidade é uma construção hipotética produzida por cada disciplina de acordo com as suas próprias finalidades e pressupostos (BRANDÃO, 1984, p. 489).

Segundo Brandão (1984), esse conceito de comunidade é bem familiar aos antropólogos, sociólogos, pois eles fazem análises em nível de microssistemas, nesse contexto. Porém, para os historiadores esse conceito de comunidade é utilizado para se fazer estudos locais, como em pequenas comunidades ribeirinhas, até mesmo mais afastadas das grandes urbes. Por isso essas três áreas muitas vezes se apoiam e trabalham juntas, na construção de formação de determinados estudos e pesquisas.

A autora reafirma que esse conceito de comunidade é muito amplo e subjetivo, tendo em vista que a ideia de comunidade parte de uma construção hipotética, e que a mesma é produzida por cada área, de acordo com suas finalidades e seus próprios objetivos e metas. Além de que esse conceito de comunidade se dá de acordo com o intuito de seu produto final.

A abordagem da reconstrução histórica decorre da necessidade individual que o ser humano tem em relacionar uma determinada comunidade ao seu passado, com o seu presente e futuro que está em constante construção e transformação. Através desse diálogo que o historiador constrói com o passado, ele consegue descobrir dados relevantes, acontecimentos, vestígios do passado de uma determinada comunidade, particularidades, que só serão resgatadas e nomeadas e datadas, por meio desse tipo de levantamento historiográfico.

Estes acontecimentos, já referenciados por certas particularidades, nomeadamente por uma data, serão integrados num conjunto de problemas. O elemento gerador destes problemas é desde logo a própria comunidade, que é simultaneamente método de análise, conceito aglutinador e, acima de tudo, objeto procurado. Da comunidade como perspectiva de abordagem, o historiador passa para a comunidade enquanto simulação da realidade, por intermédio da individualização dos acontecimentos (BRANDÃO, 1984, p. 490).

Assim, compreende-se que esses fatos, dados e vestígios levantados na comunidade são importantes, para facilitar uma análise da mesma, através de um problema a ser definido pelo pesquisador, que irá propiciar uma nova abordagem histórica da realidade daquela comunidade, por intermédio das experiências

individuais que ao mesmo tempo, serão analisadas para formar uma historiografia coletiva local.

Para Brandão (1984), cada comunidade tem suas particularidades, como exemplo, a sua paróquia local, a sua economia, suas festas, comemorações, ela acaba criando aspectos singulares que a tornam diferente das demais comunidades.

A autora supracitada cita, que a maioria dos estudos voltados para a reconstrução historiográfica das comunidades, são feitas por pessoas que são moradores desses locais, e por amor a sua terra natal, acham por bem fazer esse legítimo registro, e de forma científica, no caso em trabalhos monográficos. Esse pensamento tem contribuído significativa para o desenvolvimento de estudos da história local, o que tem colocado essas comunidades em evidência nesse tipo de estudo.

Pillar (2002) afirma que a comunidade é formada por organismos que ocorrem em uma determinada superfície, podendo ser considerada como comunidade, plantas, animais, ou subconjuntos das citadas, como exemplo, comunidades de insetos ou plantas herbáceas. O que caracteriza essas comunidades é a interação variada que ocorre entre os organismos entre si, com outros componentes bióticos ou abióticos.

No estudo de comunidades, por razões práticas, organismos são representados por populações mais ou menos homogêneas. O estudo de comunidades objetiva principalmente descrever a estrutura de diferentes tipos de comunidades no tempo e no espaço e identificar processos ecológicos que explicam tais diferenças. O processo de mudança direcional das comunidades no tempo após uma alteração drástica é conhecido como sucessão. A estrutura da comunidade é usualmente descrita por uma lista das populações componentes, e suas respectivas quantidades (número de indivíduos, área coberta, etc.) (PILLAR, 2002, p.10).

De tal modo, o que torna uma população em comunidade são razões práticas que as ligam e as tornam homogêneas, os estudos desenvolvidos em comunidades, tem o objetivo principalmente de descrever suas estruturas, e demonstrar suas diferenças em relação a outras comunidades.

Goldwasser (1974) frisa que os estudos desenvolvidos em comunidades representavam uma tentativa de transformar os estudos a nível global. De forma local, esses estudos sociais refletem essa transposição das sociedades mais complexas, para as mais simples. O que se destaca nesse tipo de estudo são as dimensões de homogeneidade e isolamento que são necessárias para que um local

possa ser estudado e receba a nomenclatura de comunidade, sendo características que permitem os primeiros estudos em comunidades pequenas que normalmente são afastadas das grandes cidades, localizadas em áreas de difícil acesso e rurais.

Goldwasser (1974) reforça ainda que o próprio conceito de comunidade, nos últimos anos se tornou mais abrangente, e a cada dia que passa como todos podem constatar está ganhando novas dimensões e conceitos, devido a era das comunidades virtuais que se acentuam a cada dia mais.

Aos estudos de comunidade passou a associarem-se exigências lógicas de representatividade e generalização, superando-se a consideração da comunidade apenas como objeto de estudo em si. Dentro de uma perspectiva mais recente, transformou-se o próprio conceito de comunidade, tornando-se ao mesmo tempo mais específico e mais abrangente: mais específico no sentido de que os modernos estudos de comunidade já não abrigam um inventário exaustivo de todo um sistema cultural e vida social, mas apontam a uma questão central; e mais abrangente no sentido de que exemplares diversificados de organização comunitária têm sido distinguidos no interior de outras modalidades mais inclusivas de organização social, ampliando-se assim quanto ao campo explicativo e flexibilizando-se o conceito original (GOLDWASSER, 1974, p.70).

A autora menciona que o conceito de comunidade que convencionalmente se conhece, é relacionado a um determinado grupo populacional, que ocupa uma determinada área territorial, e que mantem entre si algum tipo de relação, que demonstram aspectos positivos de associação humana. Para ela, as definições de comunidade são devido a sua natureza demográfica, e processos sociais compartilhados, que acentuam e catalisam a natureza da unidade comunitária em um determinado grupo.

Assim, os estudos feitos em comunidades partem de dois segmentos, no qual seria análise das características particulares de uma dada comunidade, e outro seria a forma de organização da comunidade estudada, que estarão ligadas diretamente a demografia local, e ao sistema das relações interpessoais mantidas entre a população da comunidade estudada.

O conceito de comunidade permanece em elaboração, como a própria realidade social a que aponta. Trata-se, em primeiro lugar, de construir um conceito que identifique univocamente um único tipo de fenômeno social e de fazê-lo, a este fenômeno, simultaneamente, coberto todo por esse referente exclusivo. O conceito de comunidade, entretanto, não só não se alcançou conclusivamente distinguir de outros conceitos limítrofes, como os próprios núcleos convencionalmente reconhecidos como formas de organização comunitária têm colocado crescentemente um problema empírico ao reconhecimento de seus limites pelo contínuo processo de transformação a que se acham sujeitos (GOLDWASSER, 1974, p. 71).

Conforme pode se perceber na citação acima, Goldwasser (1974), afirma assim como Pillar (2002), que esse conceito de comunidade ainda não está totalmente definido, e nem fechado. E devido ser um conceito que ainda encontra-se em construção, a cada dia surge novos conceitos de comunidades em áreas diferentes, como é o caso das comunidades virtuais já mencionadas.

As comunidades virtuais, que são a tendência do século XXI, tiveram seu início no final do século XX, atingindo um grau enorme de participantes, e de diversos tipos e modalidades de temas e assuntos, no qual pessoas entram para compartilhar momentos, ideias, entre outros assuntos,

O que os torna comunidades é justamente o fato de terem interesses em comum, sendo que em muitos casos, os seus membros nem se quer se conhecem, fugindo a regra do que vem a serem as comunidades tradicionais abordadas nos autores anteriormente, porém com essas novas modalidades, elas não deixam de serem comunidades virtuais, se não são, que nomenclatura os autores poderiam dar a elas então? Haja visto que seus participantes se sentem como sujeitos ativos e participativos de uma comunidade, não são reais, mas virtual, com aspectos semelhantes às comunidades reais.

A atual interconexão generalizada entre as pessoas tem chamado a atenção de muitos teóricos sobre seus efeitos no quadro das relações individuais e igualmente na forma como os coletivos se comportam quando se constituem como redes de alta densidade. Relações individuais e coletivas, particularmente no ciberespaço, têm despertado o interesse dos estudiosos de redes sociais, dos sociólogos, etnógrafos virtuais, dos ciberteóricos, dos especialistas em gestão do conhecimento e da informação, enfim, de todos aqueles que pressentem que há algo de novo a ser investigado, que a atual vertigem da interação coletiva pode ser compreendida dentro de uma certa lógica, dentro de certos padrões, o que já era anunciado nos anos 1980 pelos analistas estruturais de redes sociais (COSTA, 2005, p. 235).

Costa (2005) menciona que essa atual interconexão já estava sendo projetada desde os anos de 1980, e que as relações mudariam ao longo do tempo, e que o comportamento dos indivíduos também se transformaria conforme essas novas relações, que fossem sendo estabelecidas ao longo do tempo. Que é o caso do surgimento dessas novas redes sociais e comunidades virtuais, em que muitos já preferem passar mais tempo, e convivendo com pessoas do mundo real, assim como as redes de relação se estabelecem no ambiente comunitário, no mundo virtual eles se estabelecem, porém, não da mesma forma que no mundo real.

2.1.2 A Historicidade das comunidades primitivas

Na pré-história surge um grupo de humanos, e nesse meio surgem às primeiras comunidades, denominadas comunidades primitivas, ou seja, desde que a história do homem existiu, a vida em comunidade também foi criada. Nessas primeiras comunidades, a forma de organização, era bem simples, não existia propriedade privada, ou seja, tudo era de todos, inclusive os meios de produção, tudo que era produzido, era plantado, por todos, todos consumiam e dividiam naquela comunidade (BORGES, 2003).

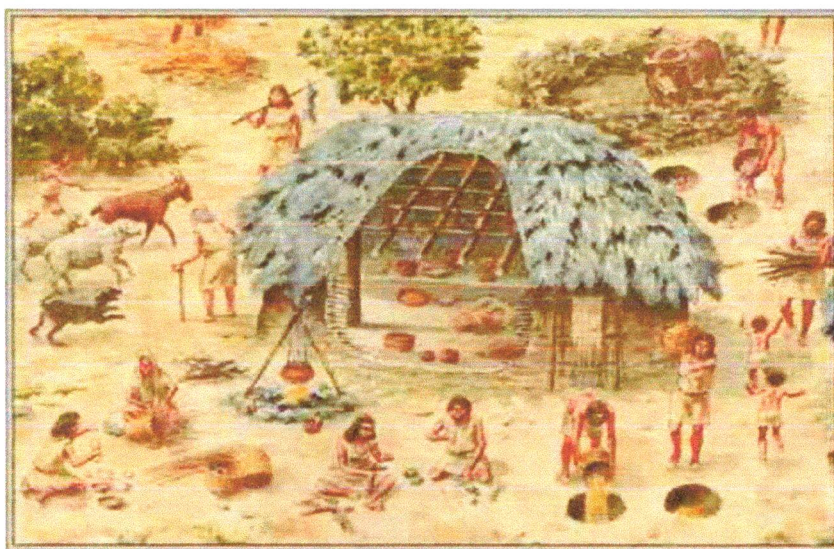


Figura 2 - Comunidades primitivas e seus trabalhos. Fonte: www.historyaybiografias.com.br Acesso em 18/11/18

Nessas primeiras comunidades primitivas, os meios de produção, eram basicamente elementos da natureza, como a água, a terra, as florestas, os animais que se eram caçados em grupos, a agricultura que era praticada pelas mulheres da comunidade, onde o homem caçava, pescava, construía as habitações cobertas com folhas, confeccionava arcos, flechas, tacapes, canoas, as crianças aprendiam observando os adultos, os meninos acompanhavam os homens, e as meninas as mães da comunidade.

Praticavam ainda a economia de subsistência, onde coletavam frutos, caçavam e pescavam somente o necessário para sua sobrevivência. Nesse convívio em comunidade, o trabalho era estabelecido de acordo com a idade e o sexo do

indivíduo. Ainda hoje existem comunidades no mundo todo que vivem dessa maneira, inclusive no Brasil.

O problema torna-se mais difícil quando se trata das origens das sociedades humanas ou das sociedades ditas "primitivas". A maior parte destas sociedades explicou a sua origem através de mitos e geralmente considerou-se que uma fase decisiva da evolução destas sociedades consistia em passar do mito à história (LE GOFF, 1992, p. 51).

Borges (2003) relata que para o homem sempre foi importante fazer o registro de sua história, para repassar essas informações para as futuras gerações. No caso desse homem pré-histórico, isso ocorria de forma oral, haja visto que ainda não tinham desenvolvido a escrita. Esse repasse de informações ocorria de forma oral, ao redor das fogueiras, onde as famílias se reuniam para os mais velhos da comunidade repassar esses conhecimentos aos mais jovens de sua tribo, ou seja, aos membros daquela comunidade.

Antes disso, porém, vemos que os homens, desde sempre, sentem a necessidade de explicar para si próprio sua origem e sua vida. A primeira forma de explicação que surge nas sociedades primitivas é o mito, sempre transmitido em forma de tradição oral. Entre os conhecimentos práticos transmitidos oralmente de geração a geração, essas sociedades incluem explicações mágicas e religiosas da realidade. Para nós, homens do século XX, acostumados a um pensamento dito científico, uma explicação mítica parece pueril, irracional e ligada a superstição. Mas é preciso que reconheçamos no mito uma forma de pensamento primitivo, com sua lógica e coerência próprias, não sendo simples invento ou engodo (BORGES, 2003, p. 12).

Naquele período, o homem era envolvido em uma atmosfera extremamente mítica, onde tudo o que ele não conseguia explicar, principalmente os fenômenos da natureza, como as chuvas, os raios, as doenças, a própria morte, sua origem no mundo, a própria criação do universo, ele buscava explicação desses fenômenos nos mitos.

Nas primeiras comunidades o mito foi um fator importante para a construção das sociedades antigas, onde aquilo que o homem não conseguia explicação lógica, ele procurava explicação mítica, no sobrenatural. Surgindo aí as adorações aos deuses antigos. Onde tudo que ocorria de bom e ruim era atribuído a tais deuses, esse comportamento permaneceu em todos os períodos da história do homem. Inclusive ainda permanece nos dias atuais.

Ao longo do tempo essas comunidades foram se transformando, surgindo assim a Idade dos Metais, no qual o homem passou a produzir várias armas, e ferramentas, utensílios e objetos diversos, com esses metais. Que deram início a uma revolução na vida desses homens, em vários sentidos, inclusive passando a surgir o acúmulo de riquezas, produtos e a propriedade privada, o modo de vida em comunidade começa a se transformar.

Ao longo da História acredita-se que as primeiras civilizações da humanidade, tenham se desenvolvido as margens dos rios Tigres e Eufrates, essas comunidades, posteriormente seriam chamadas de antiga Mesopotâmia, no Oriente Médio, que hoje é o atual Iraque. É uma área também conhecida como o Crescente Fértil, justamente devido ao seu formato de Lua Crescente, é um local próprio para a agricultura, apesar de que regiões em seu entorno são áreas rodeadas por deserto, consideradas áridas para qualquer cultivo (CONTRIM, 2015).

Para o autor supracitado, nesse período as pessoas viviam livres, com direitos iguais e a divisão de trabalho era mínima, buscando assegurar a subsistência através de gênero e idade dos indivíduos dessas comunidades. A produção era apenas para a subsistência desses grupos, e não havia necessidade de acúmulo de bens, o interesse que sobressaía era o coletivo e não o indivíduo.

Cotrim (2015) menciona que as crianças, aprendiam no dia a dia, na convivência com os adultos através da observação da rotina de seus pais ou responsáveis. E a mesma aprendia conforme a sua necessidade, se ela queria aprender, a nadar ia ao rio e nadava, ou pescar, e assim sucessivamente, apenas imitando o que os adultos faziam. Porém, quando se inicia a divisão de classes, a propriedade privada, esse modelo de aprendizagem começa a se modificar e se adequar as novas demandas sociais que começam a surgir.

2.1.3 As transformações da comunidade comunitária em societária

O convívio em comunidade se estabelece por meio das relações entre seus membros, podendo ter dois tipos de comunidades, as comunidades comunitárias e as societárias, estas com características diferentes.

Segundo Oliveira (1994) a sociedade comunitária é normalmente pequena, com uma divisão bem simples do trabalho, com os papéis delimitados, e suas respectivas funções dentro da comunidade. Normalmente as relações sociais são

bastante duradouras, inclusivas, íntimas e pessoais, em que o grupo normalmente convive, com padrões que tem respeito uns com os outros, lealdade, afeto e amor são muito importantes nesse tipo de comunidade comunitária.

Os contatos que predominam nesse tipo de comunidade são os primários, ou seja, entre pais e filhos, primos, tios e parentes próximos. Além de terem um contato emocional bastante próximo e forte, onde as experiências individuais são compartilhadas entre seus membros. Nesse tipo de comunidade, os costumes são reguladores no padrão do comportamento de seus membros, costumam ter comportamentos tidos como convencionais e as leis utilizadas e mantidas são as tradicionais, repassadas por seus antepassados.



Figura 3 - Sociedades modernas. Fonte: www.sbcoaching.com.br Acesso em 18/11/18.

As sociedades societárias normalmente surgem nas grandes metrópoles contemporâneas, Oliveira (1994), as caracteriza, pela acentuada divisão de trabalho nos grupos, os papéis também são vivenciados por todos nessa sociedade, não há uma definição como ocorre nas comunitárias, onde ambos os sexos podem desenvolver os mesmos trabalhos e atividades.

As relações sociais nas sociedades societárias são impessoais, onde os indivíduos se associam uns aos outros somente em função de determinados propósitos, normalmente financeiros, ou em busca de status quo, ou seja, posição social. São relações extremamente objetivas, no qual as pessoas buscam determinados objetivos através dessas relações. Não existe um caráter unitário nesse tipo de relação, o trabalho e o lazer, não se relacionam com a família em

família. A questão religiosa ocorre somente em determinadas ocasiões importantes para aquela sociedade, como exemplo, o natal, a páscoa, entre outras, nesse tipo de estrutura social, a família não é o centro da vida desses indivíduos, diferente da vida em sociedade comunitária.

Na sociedade societária, sempre complexa e diversificada, com variedade de grupos e interesses muitas vezes conflitivos, rompem-se em grande parte a influência penetrante da tradição. A relativa uniformidade de pensamento é em geral substituída por uma enorme variedade de interesses e ideias divergentes. São relativamente poucas as crenças, os valores e os padrões de comportamento universalmente aceitos. Os mores são enfraquecidos e a lei formal emerge para regular o comportamento e governar o intercâmbio social. No lugar da firme integração, característica da sociedade comunitária, a sociedade societária é frouxamente articulada e o grau de consenso tende a diminuir. Isso pode sugerir uma frequência maior de situações de conflito (OLIVEIRA, 1994, p. 50).

Após essa breve diferenciação entre sociedades comunitárias e sociedades societárias, também se tem a teoria de Tönnies, (2008), que faz uma analogia em ambas, onde cita que na comunitária os homens permanecem unidos em várias atividades e funções. Porém na societária isso não ocorre, onde cada vontade do indivíduo se torna subjetiva, autônoma e independente, de outros membros daquela sociedade, causando um estado de tensão permanente entre seus membros.

Nestes termos, Tönnies formulou sua teoria da sociedade e da comunidade: se na comunidade os homens permanecem unidos apesar de todas as separações, na sociedade permaneceriam separados não obstante todas as uniões. Na sociedade, cada vontade seria reconhecida socialmente como unidade subjetiva, moralmente autônoma, independente e autossuficiente, estando para si em um estado permanente de tensão com as demais, sendo as intromissões de outras vontades, na maioria das vezes, aludidas como ato de hostilidade (TONNIES, 2008, p.101).

Os estudos atuais de comunidade dão ênfase a aspectos mais dinâmicos da comunidade, observando interesses, conflitos e tensões sociais. Os estudos modernos buscam verificar os relacionamentos mais consistentes e os processos internos que tornam aquele grupo em comunidade, estabelecendo assim conexões mais amplas. A comunidade se torna um local privilegiado para a observação do comportamento humano, pois, tem seus sistemas e representações específicos, com sua subjetividade nos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas que ali vivem.

Os estudos em comunidades são ferramentas eficazes, para uma investigação social, que acaba produzindo dados e interpretações a um nível, diferenciado, quando se estuda grupos nas grandes cidades, pois os estudos em comunidades são dirigidos a um grupo específico que utiliza a comunidade em si como o próprio campo da pesquisa.

Buarque (2002) faz uma clara diferenciação entre comunidade comunitária e societária, no caso, ele inicia dando o exemplo, quando a pessoa vende um imóvel, no caso, em comunidades comunitárias normalmente as casas são repassadas geração para geração, de pais para filhos e assim sucessivamente. Uma das dimensões do convívio em comunidade é a sua dimensão cultural, que alguns aspectos como, o tecnológico, político, econômico, institucional social e valores éticos e estéticos, crenças e conceitos formados em grupo.

Essas dimensões que foram mencionadas pelo autor acima são transmitidas através de símbolos e não de genes, conforme este menciona, e elas são constituídas através de sistemas, de ideias e do comportamento dos membros da referida comunidade.

Ainda segundo o autor (2002) a dimensão tecnológica consiste nas ferramentas físicas produzidas pelo homem, e que também são ideias e comportamentos que podem ser ensinados e repassados para outras gerações. A dimensão econômica é caracterizada pelas formas diferentes dos meios de produção da respectiva comunidade, e não é o valor em si que importa na comunidade, mas sim como ele vai ser utilizado em prol da mesma.

Buarque (2002) ressalta que as grandes maiorias das decisões que são importantes para o grupo, são tomadas no coletivo, o que provoca a cumplicidade política, econômica social e cultural do grupo. Normalmente as interações sociais acontecem entre eles mesmos como casamentos, batizados, empregos, entre outros.

Uma das dimensões que mais tem representatividade em comunidades, segundo o autor, é a questão das crenças e valores éticos, pois a questão da religiosidade sempre é muito forte em comunidades, e os valores éticos ajudam a conduzir o comportamento dos indivíduos.

2.1.4 Exemplos de sociedades que vivem em comunidade na atualidade

Atualmente, ainda existem alguns grupos que persistem na vida em sociedades comunitárias, os mais comuns, são os grupos indígenas, que estão espalhados em todo o território nacional, com predominância no território amazônico, isso incluindo o Pará, como um todo, onde várias etnias, convivem em harmonia com o meio ambiente, e com outros membros da comunidade.

Existem também os grupos remanescentes de quilombolas, Brasil a fora, entre os quais, ainda existem comunidades no Maranhão, no Pará, em outros territórios, que procuram manter vivos, certos costumes e tradições de seus antepassados. No Pará, as comunidades em que os negros se refugiaram após a abolição, e até mesmo durante a escravidão, ficaram conhecidas como Mocambos, ainda é possível encontrar diversos mocambos na Amazônia, e com uma forte predominância cultural dos hábitos, costumes e tradições, herdados dos antepassados esses povos (MONTEIRO, 2012).



Figura 4 - Comunidade indígena. Fonte: www.toluna.com.br Acesso em 18/11/18

A exemplo disso, Rodrigues (2006, p.124) menciona que existem diversas comunidades ribeirinhas na região da Amazônia, onde a autora frisa que: “o termo ribeirinho, hoje usado amplamente pela mídia local para falar das populações amazônicas, não aparece na literatura antropológica antes dos anos setenta.” Tais

comunidades ribeirinhas são consideradas tradicionais, pequenas, e tem em comum estarem localizadas em cidades ao longo dos rios da Amazônia, segundo ela menciona que muitas dessas comunidades, vivem por meses, sobre esses rios, por isso são denominados ribeirinhos, o que acaba dando a eles, uma identidade étnica, devido ao posicionamento geográfico de suas moradias.

Completa Rodrigues (2006) ao afirmar que essa identidade étnica, uma vez composta, acaba se tornando um tipo de processo que é repassado de uma geração a outra, essa autoidentificação como comunidades ribeirinhas, é que distingue uma comunidade da outra na Amazônia.

Essas comunidades também são conhecidas como fluviais, ou povos das águas, devido justamente onde suas moradias ficarem localizadas, essas pessoas vivem normalmente em casas de madeira, denominadas de palafitas, em grupos variando de vinte (20) a sessenta (60) famílias, e a preferência pela casa em palafitas é justamente devido à cheia dos rios, para que as casas não fiquem embaixo da água no período das cheias dos rios (RODRIGUES, 2006).

A vida das pessoas dessas comunidades divide-se em terra e águas, pois na terra firme praticam a agricultura de subsistência, além de fazerem a coleta de produtos da floresta, como malva, látex, castanha, açaí, entre outros, e das águas, dos rios amazônicos, obtém o peixe que é a base principal da alimentação dos mesmos, além de ser o principal meio de transporte dessa população (MONTEIRO, 2012).

Além das comunidades ribeirinhas da Amazônia, também encontram-se atualmente as comunidades indígenas na região, de diversas etnias, entre a predominante na região do sudoeste paraense, no caso, Itaituba e município circunvizinhos, estão os Munduruku com predominância.

Santos (2007) menciona que os primeiros contatos entre as comunidades Munduruku e os europeus que se tem registro na historiografia oficial, teria ocorrido em 1768, e não teria sido um contato muito amistoso, devido ser um povo considerado de tradição guerreira, e de costume de mumificar a cabeça de seus adversários, após as guerras tribais.

As primeiras referências aos Munduruku datam de 1768, quando missionários e viajantes falavam de seu "caráter agressivo" e de suas intermináveis lutas com os povos vizinhos e com os portugueses. Sua origem é pouco clara, mas alguns autores propõem que os Munduruku tenham ancestrais entre os grupos Andinos (SANTOS, 2007, p.15).

Para Santos (2007), a possível origem desses povos indígenas com as comunidades Andinas, é que no Peru em Nasca, havia comunidades que faziam práticas semelhantes com seus adversários de guerras, que após o confronto as cabeças, eram decepadas e preparadas para exposição das mesmas, como sinal de vitória, força e conquista dos Munduruku sobre outras comunidades indígenas.

Essas comunidades, tinham os papéis tradicionais bem estabelecidos, onde os homens Mundurukus guerreavam e eram responsáveis pela subsistência do grupo, caçavam, também faziam o processo de preparação de mumificação das cabeças dos adversários, e as mulheres cuidavam das crianças, faziam cestarias, cerâmicas, e ajudavam cuidando dos doentes feridos nos confrontos.

Porém, na atualidade, houveram algumas mudanças, como a prática da cerâmica, que antes era feita só pelas mulheres, há comunidades, em que os homens também fazem cerâmica e cestarias. E a prática de caçar a cabeça dos inimigos também foi extinta após ser duramente reprimida pelo governo brasileiro, no século XIX (SANTOS, 2007).

E para finalizar, observa-se que nas comunidades da atualidade, não poderia ficar de fora a nova comunidade, as comunidades “cibernéticas”, que segundo Costa (2005), o termo “comunidade”, esta se consolidando nos últimos anos, conforme o modelo e as relações que as pessoas adotaram para se relacionar na última década, e o modelo tradicional, que foi apresentado anteriormente esta sendo trocado pelo novo modelo de comunidade da atualidade.

O autor enfatiza que essas mudanças, se devem principalmente devido a influência do capitalismo na sociedade societária individualizante, que já foi explicado no início dos tópicos, a diferença entre comunidade comunitária e societária, sendo assim, para ele esse é um efeito globalizante, mundial, e que só atenuar o modelo individualizante que a sociedade vigente vem adotando nos últimos anos.

Porém, o autor é enfático, ao mencionar que comunidade, teria a obrigação de compartilhar, dividir experiências fraternas, saberes, tradições, hábitos, costumes, o que não ocorre nas comunidades cibernética, onde os indivíduos só socializam aquilo que os mesmos consideram importantes, porém, de forma individual, e não coletiva essa decisão é tomada, do que é ou não importante compartilhada com os demais membros de sua comunidade virtual.

Costa (2005) ressalta a preocupação de que essas novas comunidades virtuais, cobram um preço pela liberdade de seus participantes, pois existiria um conflito, na formação da identidade desses indivíduos, e para os jovens isso ainda é ressaltado, pois, o mesmo não participar de nenhuma rede social, de nenhuma comunidade virtual, é o mesmo que não ter identidade, pois, a comunidade seria uma forma de “proteção” ao mesmo. Em contrapartida, esse jovem perderia sua autoafirmação, sua identidade cultural, para se adequar a comunidade virtual, a qual faz parte.

Os laços constituídos nas comunidades tradicionais estão a mercê e correm o risco de serem substituídos pelas comunidades cibernéticas, se as pessoas não observarem a forma como interagem nessas redes sociais.

2.2 A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E AS MUDANÇAS DE PARADIGMAS HISTORIOGRAFICOS

Para Burke (2005) a nova História Cultural é uma abordagem que busca abarcar “artes do passado”, que outros historiadores não conseguiram alcançar. Sendo assim, esse novo tipo de História enfatiza as culturas diversas, focando na história da população, em vários contextos e não apenas abordando a história positivista, recontando a história através das grandes guerras e da ideia dos vencedores, como também dos grandes fatos e feitos heróicos, essa nova história permite dar vez e vozes a atores sociais que ficavam fora do palco principal desses acontecimentos apesar de fazerem parte desses momentos históricos.

A história cultural não é uma descoberta ou invenção nova. Já era praticada na Alemanha com esse nome (*kulturgeschichte*) há mais de 200 anos. Antes disso havia histórias separadas da filosofia, pintura, literatura, química, linguagem e assim por diante. A partir de 1780, encontramos histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações (BURKE, 2005, p.7).

Essa nova forma de se recontar essa História cultural começa a ganhar espaço, segundo Burke (2005), quando ocorre a descoberta do povo, em que o mesmo menciona que a cultura popular ganhar cada vez mais espaço, principalmente na Alemanha no final do século XVIII, as canções, danças, rituais, da população considerada a classe “pobre ou baixa” daquele período, começa a ter suas histórias “descobertas” pelos intelectuais que faziam o registro dessa

historiografia desse período. A mesma ganha força a partir de 1960, quando a cultura popular, começa a ser uma das grandes “paixões” dos autores clássicos, e antropólogos. No qual a história cultural passa a ser estudada nas academias alemãs daquele período.

Um dos precursores desse tipo de historiografia é Eric Hobsbawm que escrevia ainda com o pseudônimo de Francis Newton, que em 1959, fez um tratado denominado história social do Jazz, onde ele começa a dar ênfase a esse tipo de detalhe da cultura popular, que anteriormente não era mencionado nos estudos historiográficos oficiais (BURKE, 2005).

No Brasil, não tem sido diferente as mudanças no campo de pesquisa historiográfico te acontecido. Porém, de forma mais gradual, mais lenta, os Pcns (1997) enfatizam que foi somente nas ultimas décadas que esse conhecimento histórico passou a ser ampliado e transformado o campo de pesquisa dos historiadores, onde indivíduos sociais, que antes não apareciam na história oficial começam a aparecer como fontes históricas.

Dessa maneira o historiador começou a considerar a história de outras classes sociais e as diferentes formas de participação desses agentes nas realidades do passado, do presente e seus reflexos no futuro.

2.2.1 As Correntes Historiográficas e sua Influência na História Nacional

Burke (2010) em seu livro a “Escola de Analles” menciona que a Historiografia (de “historiógrafo”, do grego *ιστοριογράφος*, de *ιστορία*, “História” e *-γράφος*, da raiz de *γράφειν*, “escrever”: “o que escreve, ou descreve, a História”) é uma palavra polissêmica. Que se refere ao registro escrito da História, utilizando-se da memória da própria humanidade, onde ficou registro sobre o passado dos seres humanos, que através dessa historiografia se torna uma ciência.

O autor supracitado, ainda frisa que a historiografia é a produção dos escritos pesquisados pelos historiadores acerca de um determinado tema, que se concentra em um período histórico de um grupo social, uma população, um determinado povo. Ou seja, para ele a historiografia é a arte de se escrever história, onde o pesquisador poderá fazer o registro de eventos passados da história humana.

Atualmente, os estudos historiográficos vêm divididos em três grandes correntes. No qual os historiadores tendem a seguir uma delas para realizar seus estudos, suas pesquisas, que são elas: O positivismo, o Materialismo Histórico, e a Escola de Annales.

Burke (2010) explique que o Positivismo é uma das correntes utilizadas nos estudos históricos que busca privilegiar o estudo dos fatos de uma forma cronológica, sem fazer análise ou reflexão desses fatos que passam a fazer parte da historiografia oficial de uma determinada comunidade. Essa corrente historiográfica visa registrar uma história dos vencedores, dando ênfase aos feitos políticos, valorizando os heróis da história oficial, em muitos casos, até mesmo sem comprovação se tais históricos teriam ocorrido como foram registrados na historiografia oficial de um país.

Para Diehl (2008), o campo da historiografia até os anos de 1980, ainda era dominado pela corrente positivista, e que os conhecimentos históricos produzidos vinham representando essa forma de se recontar a história nacional.

Le Goff (1992) menciona que a realidade histórica e a ciência histórica permitam aos historiadores proporem uma nova história, desde a antiguidade aos dias atuais. Em que as explicações do passado podem ser feitas através de uma história problema, não necessariamente uma história positivista, a história tradicional.

Para Bloch (2001), é necessário que o historiador entenda que somente o fato por si só não explica um determinado contexto histórico, porém, o historiador precisa ter consciência que um fato histórico não é um fato “positivo”, mas que esse fato é resultado de uma construção que se dá através de algumas fontes históricas, que ajudam a constituir um tipo de “problema histórico”, sendo assim os historiadores que fazem uso da corrente positivista, segundo o autor, apenas utilizam a história total, eles só retiram desse fato aquilo que segundo a análise dos mesmos pode servir a algum tipo de ação no futuro.

Portanto, essa visão positivista segundo os principais historiográficos do Brasil e do mundo está ultrapassada, onde o historiador deveria buscar reescrever esses fatos baseado em novas correntes historiográficas, como a História Nova, por exemplo, que vai ganhar espaço com a introdução da Revista de Annales e suas

gerações de historiadores, como Marc Bloch, Lucien Febvre, Peter Burke e entre outros historiadores.

Nos estudos historiográficos existe a corrente do Materialismo Histórico no qual Burke (2010), relata que essa corrente é idealizada nos estudos elaborados por Karl Marx, que o autor cuja corrente possui o seu nome, dava ênfase aos aspectos econômicos, ao realizar levantamentos históricos da sociedade.

Segundo o autor supracitado essa corrente historiográfica era baseada em proposições que buscava as explicações dos problemas e contextos sociais, através da forma como a sociedade era construída e suas estruturas econômicas, a corrente marxista vai ganhar espaço a partir do século XVIII, com o surgimento do Iluminismo, que vai corroborar as ideias propostas nos estudos de Karl Marx.

Burke (2010) frisa que o que marca essa corrente é a forma como a mesma aborda a história da humanidade através de suas mudanças econômicas, das lutas de classes ocorridas entre as classes sociais, e das alterações resultantes dessas lutas. Essa corrente não ficou apenas no campo histórico, pois ganhou muitos adeptos no campo político, se tornando também uma corrente político teórico com o decorrer dos anos, devido a mesma tentar demonstrar as mudanças histórico sociais, através desse embate que ocorria entre patrões e empregados.

Segundo Burke (2010), o materialismo histórico permite que os historiadores façam estudos, observando as relações de poder, os modos de produção, as relações entre o homem e o meio social em que está inserido, como a sociedade se forma, nas suas estruturas sociais, e assim, o pesquisador conseguiria observar e entender como determinados contextos históricos influenciaram e influenciarão a vida das pessoas envolvidas nesses fatos históricos estudados.

O autor vai, além disso e ainda menciona que Marx com essa nova proposta de se escrever e estudar a história visava fazer uma crítica à divisão social, às formas de trabalho, à exploração vivenciada por parte desses trabalhadores, feitas por seus patrões, e como a divisão social só aumentava a desigualdade social.

A última recente a surgir no campo historiográfico, foi a Escola dos Annales, que segundo Burke (2010) teria surgido em 1929, através dos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, no qual teriam aliado junto a história conhecimentos de geografia, filosofia, antropologia, psicologia e outras áreas das ciências, para

complementar o conhecimento historiográfico que seria produzido a partir dali em diante.

Segundo Burke (2010) a escola dos Annales teria surgido a partir da produção de uma Revista com o mesmo nome, onde diversas Ciências Sociais foram unidas em prol dessa nova historiográfica, buscava novas fontes, novos problemas históricos, ela foi marcada por três grandes gerações. 1º Geração Lucien Febvre e Marc Bloch 1929 – 1950; 2º Geração Ferdinand Braudel 1950 – 1980; 3º Geração Le Goff – História Nova - anos 80, 90 e 2000.

A primeira geração, que teve como seus representantes Lucien Febvre e Marc Bloch foram alunos da prestigiada escola francesa École Normale Supérieure, e tiveram grande influência dos estudos de Émile Durkheim, fazendo das contribuições de áreas diversas do conhecimento, tentando romper com a história positivista dos reis, e dos heróis de guerra (BURKE, 2010).

A segunda geração foi marcada pelos estudos de Fernando Braudel e seus estudos geográficos sobre a França, apresentado em sua obra o Mediterrâneo. A terceira geração, que é a que atualmente a maioria dos historiadores fazem uso, tem como seu representante principal Jacques Le Goff, e a História Nova, que buscou ampliar temáticas que até então, não eram enfatizadas nos estudos históricos (BURKE, 2010).

A corrente historiográfica dos Annales, criou subáreas que desenvolveram estudos específicos, como a geo-história, a história cultural, da religião, das mentalidades, demografia histórica; A história das mulheres começou a ser escrita e estudada por George Duby e Michele Perrot, dando ênfase ao papel da mulher na história (BURKE, 2010).

Surge nessa linha a micro-história um estudo de qualquer lugar ou comunidade, história regional, a história das ideologias e imaginário social; a etno-história que fazia uso da antropologia para estudar os povos não letrados das Américas; História Global e do Imaginário; História-problema; História quantitativa; História Vista de Baixo, que seria uma forma de dar vez e voz para as classes consideradas inferiores, buscando resgatar a memória dos pobres, agricultores, da população que não fazia parte da elite (BURKE, 2010).

O autor mencionado acima enfatiza também a importância dos estudos da História além-mar, voltado para os estudos dos continentes recém-conquistados,

como as Américas e o africano, e como teria ocorrido todo esse processo entre os colonizadores e os não europeus. E junto com essas novas tendências, dar-se espaço para a história oral, que nos teóricos positivistas foi por muito tempo relegado, como uma fonte não oficial, e que não poderia ser levada muito a sério nos estudos históricos, e com essa nova tendência passou a ser bastante utilizada e explorada.

E concluindo essa nova roupagem surge o termo História Nova que seria a uma nova forma de abordar os problemas e interpretar e reescrever tais fatos históricos, e tantos outros temas que passaram a serem incorporadas e estudadas no contexto histórico, como o corpo, a literatura, as narrativas, as danças, os ritmos, a culinária, a inclusive as pequenas comunidades (BURKE, 2010).

A crítica da noção de fato histórico tem, além disso, provocado o reconhecimento de "realidades" históricas negligenciadas por muito tempo pelos historiadores. Junto à história política, à história econômica e social, à história cultural, nasceu uma história das representações. Esta assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade ou história das ideologias; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das mentalidades; história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário, que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito, sob a condição de respeitar sua especificidade; história das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história do simbólico, que talvez conduza um dia a uma história psicanalítica, cujas provas de estatuto científico não parecem ainda reunidas. Enfim, a própria ciência histórica, com o desenvolvimento da historiografia, ou história da história, é colocada numa perspectiva histórica. (LE GOFF, 1992, p. 8).

O autor ressalta que a história está ligada a tudo, a imagem, ao gesto, ao documento, ao artístico, as práticas e rituais, aos símbolos e aos documentos cabe ao historiador, a forma como irá interpretar tais dados e informações.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia da pesquisa foi baseada na elaboração de um levantamento histórico dos dados da comunidade, como os dados da política, cultura e economia por meio da pesquisa bibliográfica, com autores de renome como Burke, Le Goff e entre outros.

Foram levantados dados oferecidos por populares, conforme a técnica de pesquisa de campo, através do relato oral. Também foi de caráter qualitativo no qual foram feitas interpretações das informações levantadas na pesquisa de campo.

O enfoque escolhido para esse trabalho foi à pesquisa do tipo bibliográfico que buscou se apoiar nas obras, de: Almeida (2012), com A História do município de Itaituba e Tonnies (2008), em sua obra comunidade, sociedade e sociabilidade. E também a metodologia qualitativa que busca compreender o significado dos acontecimentos da vida das pessoas comuns e suas contribuições para a historiografia local.

A pesquisa bibliográfica que foi feita a partir de material já publicado, como livros, artigos, periódicos, Internet, etc. Em que Severino (2002) apresenta como:

Desencadeia-se uma série de procedimentos para a localização e busca metódica dos documentos que possam interessar ao tema discutido. Tais documentos se definem pela natureza dos temas estudados e pelas áreas em que os trabalhos se situam. Tratando-se de trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente textos: livros, artigos etc. A bibliografia como técnica tem por objetivo a descrição e a classificação dos livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário, conteúdo temático, data etc. Dessa técnica resultam repertórios, boletins, catálogos bibliográficos. E é a eles que se deve recorrer quando se visa elaborar a bibliografia especial referente ao tema do trabalho. Fala-se de bibliografia especial porque a escolha das obras deve ser criteriosa, retendo apenas aquelas que interessem especificamente ao assunto tratado. (SEVERINO, 2002, p.78).

A pesquisa bibliográfica é uma das fases fundamentais em qualquer trabalho científico, pois ela é quem influenciará todas as outras etapas restantes da pesquisa, consiste no embasamento teórico, que foi construirá as demais etapas da pesquisa. Esse tipo de pesquisa consiste no levantamento de dados, seleção, arquivamento de informações relevantes a pesquisa. (SEVERINO, 2002).

A pesquisa bibliográfica deverá ser exaustiva, pois levantará autores que irão subsidiar a temática que esta sendo abordada, esse tipo de metodologia permite ao pesquisador, fazer um levantamento histórico sobre o tema em questão, como também atualiza o pesquisador sobre outros temas da área já estudados, como também facilitar para que o mesmo encontre respostas para suas questões norteadoras e aos problemas levantados durante a pesquisa, e permite que faça comparações com outros trabalhos realizados, evitando a repetição de temas. (SEVERINO, 2002).

A presente monografia também é de caráter qualitativo, pois com esse método, pode se utilizar a subjetividade, para analisar os dados que serão coletados ao longo da pesquisa de campo, através de relatos orais dos moradores locais. A interpretação dos dados levantados e o significado atribuído a esses dados é uma das etapas cruciais no desenvolvimento de qualquer pesquisa (SEVERINO, 2002).

O caráter qualitativo da pesquisa desenvolvida é devido a mesma ser descritiva, no qual o pesquisador coleta dados, direto da fonte, do ambiente pesquisado. E o mesmo através dessa abordagem pode analisar a coleta de dados de diversos aspectos, fazendo uso de instrumentos para coleta de dados, como a aplicação de questionários semiestruturados, com roteiros de perguntas subjetivas, que permite ao pesquisador, uma maior aproximação das informações que o mesmo pretende coletar ao longo de sua pesquisa de campo, para depois fazer as análises, a partir dos dados bibliográficos levantados inicialmente. (SEVERINO, 2002).

Foi aplicada ainda a pesquisa de campo, de acordo com Severino (2002, p. 123) é aquela em que:

[...] O objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos [...].

Este tipo de abordagem permite a coleta de dados diretamente relacionada com o objeto de estudo, apoiada nos instrumentos de coleta de dados de observação *in loco*, aplicação de questionários e entrevistas, mas sem interferência e manipulação dos resultados. Dessa forma, é possível verificar os dados, de acordo com a realidade em que estes existem, sendo coletados tais quais são, sem intervenções ou manuseio das informações, garantindo então, a veracidade no

estudo, pois é de fundamental importância, neste tipo de pesquisa, a análise com base no campo estudado, através de métodos padronizados pelo pesquisador, garantindo o rigor científico. (SEVERINO, 2002).

Foi aplicada entrevista como instrumento de coleta de dados com quatro pessoas da comunidade de Creporizão, o subprefeito da comunidade, a professora do ensino fundamental maior, uma comerciante e uma moradora que reside a bastante tempo na comunidade.

A entrevista que de acordo com Gil (2010) pode ser definida como a técnica em que o pesquisador se apresenta frente ao entrevistado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que norteiam a sua pesquisa, sendo caracterizada ainda como uma forma de interação social, além de possibilitar a captação de informações sobre o que as pessoas acreditam, pensam, sabem, esperam, sentem ou desejam, assim como explicações ou razões a respeito de determinado assunto.

A presente pesquisa fez uso de fontes orais através da entrevistas, no qual Burke (1992) ressalta que a História Nova, como ficou conhecida essa nova corrente que surgiu com a escola de Annales, deu espaço para a História Vista de Baixo, ou seja, onde pode-se dar voz e vez para as pessoas consideradas comuns na história oficial, o mesmo ressalta que:

O movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. O mesmo acontece com algumas formas de história oral (BURKE, 1992, p.18)

Para Burke (1992) a história oral, permite ao historiador, uma nova experiência historiográfica, onde o mesmo deve buscar ouvir as experiências de pessoas comuns, e não apenas focar em autoridades, ou seja, na história oficial, e assim, será feito um resgate dessas memórias, algo que segundo ele foi negado aos historiadores do passado, dessa maneira, o pesquisador poderá chegar mais perto das experiências vivenciadas pelas pessoas de classes consideradas "inferiores" ou comuns da sociedade.

Por isso, foi feita a escolha dessa metodologia para se coletar os dados referentes a comunidade estudada, pois, a história oral representa as experiências

acumuladas de cada indivíduo, podendo ser construídas de forma individual ou coletiva.

"A transmissão de grandes quantidades e formas especiais de dados orais, de geração para geração, requer tempo e um esforço mental considerável; por isso, deve ter algum propósito" (BURKE, 1992, p.175).

Portanto, fazer levantamento historiográfico, através de fontes orais, não é tarefa fácil conforme menciona o autor acima, requer tempo, esforço e dedicação do pesquisador, para que o pesquisador alcance os objetivos propostos para desenvolver sua pesquisa. O autor ainda é enfático ao ressaltar que a pesquisa oral, está mais próxima da fonte, do que apenas a pesquisa documental.

"Toda história depende finalmente de seu propósito social, e a história oral e a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso" (BURKE, 1992, p.194).

Para o autor supracitado, a reconstrução da história social, só é possível através da utilização da história oral, e que ela é a que melhor reconstrói as particularidades da vida das pessoas consideradas comuns, e quem deseja, fazer esse tipo de pesquisa, tem na história oral, a melhor ferramenta para a reconstrução dessa memória coletiva, que se refaz, através da memória individual, e ao ser resgatada passará a fazer parte da história oficial da comunidade estudada.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

O município de Itaituba está localizado na região Norte do Brasil, no estado do Pará, fazendo parte da mesorregião Sudoeste paraense, sendo a microrregião 14, tendo como município pertencentes da microrregião itaitubense, Jacareacanga, trairão, Rurópolis (MONTEIRO, 2012).

O município foi fundado em 15 de dezembro de 1856, conforme menciona Almeida (2012), o município é conhecido como a cidade pepita devido ao seu auge do ouro, tendo uma intensa atividade garimpeira, desde a descoberta de sua primeira jazida em 1958. Almeida (2012) menciona que sua fundação estaria relacionada com descobrimento do rio Tapajós pelos portugueses, que ao chegarem

na região para defender o território descobriram essa pequena comunidade, e que a origem do nome seria Tupi.

O município antes da descoberta do ouro vivia de atividades extrativistas, como a caça, e a pesca de animais silvestres, onde suas peles eram comercializadas com os viajantes e a capital, além da extração de produtos vegetais, como a borracha, castanha, e o açaí. (ALMEIDA, 2012).

Porém, foi a extração do ouro, que rendeu ao município o status de cidade pepita, esse período o município recebeu muitos imigrantes em busca do famoso eldorado, os garimpos começaram a surgir, como o Maria Bonita, cuiú cuiú, crepori, creporizinho e creporizão, a partir desses garimpos, surgiram comunidades, que ao longo do tempo, estão se desenvolvendo e com novas estruturas e novos modos de sobrevivência.



Figura 5 - Localização geográfica comunidade Creporizão. Fonte: www.googlemaps.com.br. Acesso em 18/11/18

A comunidade do Creporizão, objeto deste estudo identificada na figura 5, está localizada a 500 kms de Itaituba/Pará, às margens do rio Crepuri, da qual é a origem da referida comunidade, ainda não possui um registro historiográfico, sobre a mesma, desde a sua fundação, há mais de vinte anos.

Sua origem se deu através de uma pista de ouro e decolagens de pequenas aeronaves, se tornando local de arada dos pilotos e garimpeiros que de lá partiam em busca do famoso *el dorado*, o sonho de enriquecer nos garimpos da Amazônia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE CREPURIZÃO – ASPECTOS FÍSICOS E HISTÓRICOS

Itaituba é um município do estado do Pará, localizado na região Norte do Brasil, com uma população de 97.343 habitantes aproximadamente segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). O município é conhecido como cidade pepita devido sua intensa atividade de mineração de ouro no vale do rio Tapajós e possui uma grande diversidade de paisagens naturais (ALMEIDA, 2012).

O município vem crescendo nos últimos anos, através de diversos novos investimentos, como a implantação de portos graneleiros e do complexo hidrelétrico do Tapajós, para se chegar a Itaituba que é local de entrada e saída para zonas garimpeiras o acesso a cidade pode ser feito por via aérea através do aeroporto de Itaituba, ou por rodovias federais como a BR -163 (Rodovia Cuiabá –Santarém) e BR -230 (Transamazônica) e também pelo rio Tapajós, através das embarcações (ALMEIDA, 2012).

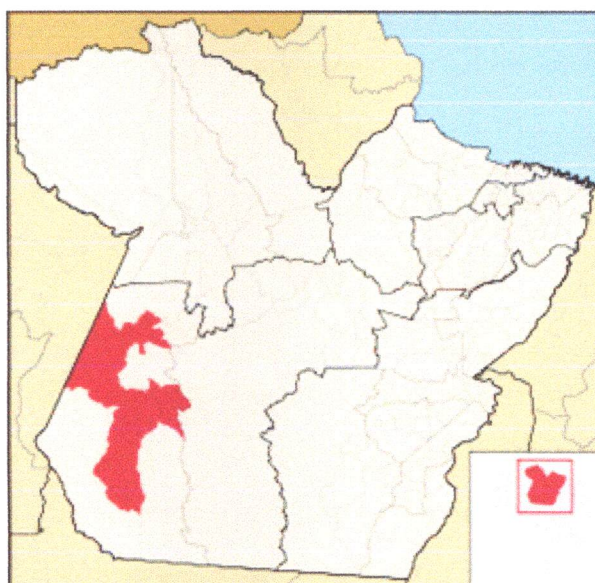


Figura 6 - Mapa de Itaituba-PA. Fonte : www.wikipedia.com.br Acesso em 17/12/2018

O local da pesquisa é a comunidade do Crepurizão que atualmente faz parte do município de Itaituba, e fica localizada as margens do rio Crepuri, daí a origem do

nome, a mesma possui uma população de aproximadamente 3.500 (três mil e quinhentos habitantes) fica localizada na região garimpeira no estado do Pará.

Segundo alguns relatos esta comunidade surgiu através de investimentos do banco da Caixa Econômica, que teria feito a rodovia para acolher os garimpeiros que saíram de alguns garimpos distantes como da Serra- Pelada, e vieram para a comunidade do Crepurizão e para região, se fixando então os garimpeiros foram chegando e assim surgiu essa comunidade.

Os entrevistados foram perguntados se sabiam como a comunidade do Crepurizão surgiu, quando ela começou a se formar e o porquê do seu surgimento. Obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *Surgiu em 1986 uma população que veio em busca de melhoria para sua família.*

Entrevistado B: *Surgiu em 1986 uma população que veio em busca de ouro melhoria para sua família.*

Entrevistado C: *Com a criação da estrada muitas pessoas vieram para cá em busca de riqueza.*

Entrevistado D: *Surgiu na década de 80 por volta do mês de outubro e pelo senhor Domingo Preto que veio para melhora da sua família.*

Os entrevistados relataram que a comunidade foi fundada em 1986, pelo senhor Domingo Preto, primeiro presidente da comunidade, na sua grande maioria os moradores dessa comunidade são garimpeiros e que tem como sua fonte principal de renda o ouro, que ainda mantem o sustento da comunidade.

Questionados sobre a infraestrutura da comunidade, como está se encontra atualmente. Obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *a respeito da infraestrutura existe uma rua conhecida como rua principal que é bastante movimentada, que é a rua do comércio com asfalto.*

Entrevistado B: *a respeito da infraestrutura Creporizão hoje tem sete ruas, mas somente a rua comercial que existe asfaltamento, as demais terra de barro.*

Entrevistado C: *a infraestrutura da nossa comunidade tem sete ruas e somente a principal que é a rua do comércio que tem asfalto.*

Entrevistado D: *em decorrência do aumento da população ainda falta melhorias a respeito da água e de esgoto, mas a rua principal melhorou bastante depois do asfalto.*

Os entrevistados mencionam que em decorrência do aumento da população, a comunidade ainda precisa de uma rede de esgoto, água de qualidade, atendimento nas ruas como asfalto, pois somente a rua principal é asfaltada, precisa de uma praça para as crianças e uma quadra poliesportiva para a comunidade. A comunidade possui sete ruas, sendo uma a principal e a rua do comércio.

4.2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

Em relação aos aspectos socioculturais, os entrevistados foram questionados se a comunidade possui identidade cultural própria e qual é essa identidade. Obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *sim, o festival junino que já é uma tradição, na comunidade há anos.*

Entrevistado B: *sim, o festival junino que é comemorado todo ano além da festa do boi.*

Entrevistado C: *a festa junina, a dança do boi é uma festa muito movimentada que já é tradição da comunidade.*

Entrevistado D: *festival junino que já é uma festa bastante conhecida na região pelos moradores da própria comunidade como os moradores dos próximos.*

Os entrevistados relataram que a comunidade possui uma cultura própria, no entanto observa-se que devido os moradores locais, virem de regiões diversas do Brasil, ou seja, há uma miscigenação em relação a cultura da comunidade. Assim, mencionaram que a comunidade realiza as festas juninas, dança de boi, que são festas realizadas todos os anos em vários locais do país.

Questionados sobre o sistema educacional, e a saúde da comunidade, como ela está nesses últimos anos

Entrevistado A: *nós temos duas escolas Centro Infantil menor, ensino Fundamental Maior que é de primeiro ao nono ano, o Ensino Médio que é o modular. Um posto de saúde que fica uma enfermeira todos os dias fazendo o atendimento necessário.*

Entrevistado B: *em relação a educação temos duas escolas ensino fundamental maior e ensino fundamental menor. Temos um posto de saúde que faz atendimento necessário todos os dias.*

Entrevistado C: *duas escolas, durante esses últimos anos teve uma melhora em relação os professores que são todos formados em suas áreas. Temos um posto de saúde que faz o atendimento e uns pequenos exames como o exame de fezes e de urina.*

Entrevistado D: *a respeito da educação os professores são todos formados e isso significa que a nossa comunidade está bastante melhorando a respeito da educação, tanto para nossos filhos quanto para própria escola. Temos o posto de saúde, ao qual temos uma enfermeira que é uma ótima profissional, e temos um médico pelo programa mais médicos e também faz o atendimento necessário.*

No que diz respeito a educação, os professores são qualificados, houve uma melhoria significativa nesses aspectos, a escola atende alunos do ensino fundamental I e II, como também na questão da saúde com a implantação do posto, que faz atendimentos das pessoas atendendo a demanda local, com uma enfermeira no local e também disponibiliza a medicação para os moradores.

4.3 ASPECTOS POLÍTICOS E ECONÔMICOS DA COMUNIDADE DO CREPURIZÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O MUNICÍPIO DE ITAITUBA

Perguntados sobre qual é o tipo de economia vigente na presente comunidade, é a mesma desde sua fundação, obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *o principal ainda é o ouro desde sua fundação, só que hoje já existe outro tipo como o comércio, agropecuária e criação de peixe.*

Entrevistado B: *o minério (ouro), a agricultura, o comércio e a criação de peixe.*

Entrevistado C: *o ouro que é a principal fonte de renda, criação de animais e o comércio.*

Entrevistado D: *a economia ainda hoje se baseia na exploração do ouro, porém também existe em nossa comunidade a agropecuária, o comércio que é uma fonte que gera emprego para os próprios moradores.*

Os entrevistados enfatizaram que a economia ainda é baseado na extração do ouro, porém existe a agropecuária e a agricultura, e o comércio local, que contribuem para a economia da localidade, e o ouro acaba sendo vendido no município de Itaituba na maioria das vezes.

Segundo os entrevistados, além da renda obtida nos garimpos, que é o meio mais rápido de se obter lucro, as pessoas trabalham como vendedores de mercadorias diversas, cozinhando nos garimpos, lavando roupas e etc., essas são as principais rendas da comunidade.

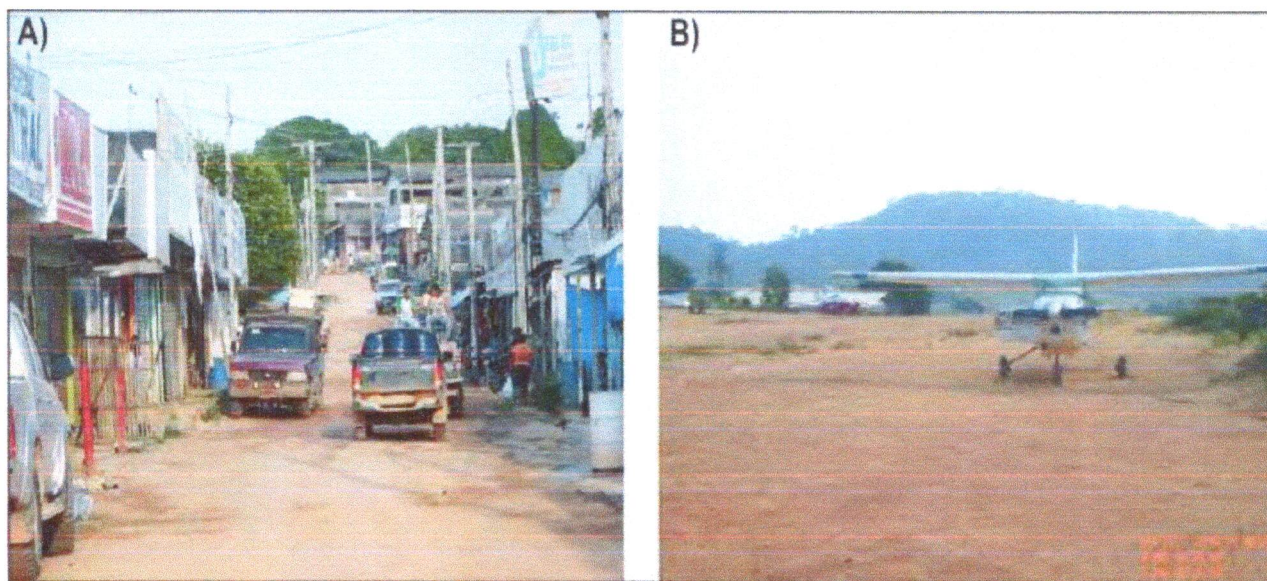


Figura 7 - Currutela e a pista do garimpo Crepurizão. Fonte: <https://docplayer.com.br/47422175-Tem-fofoca-na-currutela-nucleos-urbanizados-e-uso-da-terra-de-alta-floresta-mt-ao-crepurizao-pa-na-transgarimpeira.html> Acesso em 17/12/2018

Questionados sobre qual a importância econômica da comunidade para o município de Itaituba, obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *ainda hoje o nosso município de Itaituba vive a base da economia do ouro.*

Entrevistado B: *a importância da economia para o município é muito grande tanto a respeito do transporte como da própria renda do município.*

Entrevistado C: *a importância do ouro da nossa comunidade para o município de Itaituba é muito grande, tanto na economia que diz respeito ao comércio do município em geral e o próprio na comunidade.*

Entrevistado D: *o fluxo de pessoas que trabalha no garimpo possui família em Itaituba e com isso o dinheiro movimenta a nossa cidade a respeito da economia.*

Foi ressaltado que a maioria dos familiares desses garimpeiros residem no município de Itaituba, sendo assim o ouro acaba sendo enviado para esse município, contribuindo com a economia do município, gerando assim mais renda local.

Perguntados se o governo tem dado a devida atenção para a comunidade e como ela ocorre ou poderia ocorrer, obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *sim, ajudou bastante nos últimos anos como por exemplo a nossa rua principal que hoje já tem o asfalto.*

Entrevistado B: *sim, o governo ajudou bastante tanto nas ruas da comunidade como na estrada que liga ao nosso município.*

Entrevistado C: *muito pouco a comunidade continua nas mesmas dificuldades dos outros anos.*

Entrevistado D: *acredito que devido ao governo ter dado mais atenção em algumas situações mais ainda precisa melhorar mais um pouco em alguma ruas da nossa comunidade.*

Os entrevistados ressaltam que devido essa grande contribuição econômica, o governo municipal de Itaituba, deveria dar mais importância para a comunidade, e tentar sanar os problemas que ali existem, e que o governo não liga muito para as demandas locais.

Perguntados se gostam de morar nessa comunidade e por que, obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado A: *sim, aqui é uma comunidade tranquila e já acostumei viver e também foi aqui que consegui melhorar a minha família e de respeito aos meus bens materiais.*

Entrevistado B: *sim, porque aqui é um lugar muito tranquilo, calmo, lugar familiar e foi aqui também que consegui melhora para minha família.*

Entrevistado C: *sim, porque aqui é um lugar tranquilo, calmo, uma comunidade solidária e também foi aqui que consegui meus bens materiais.*

Entrevistado D: *sim é um lugar que me acolheu com muito carinho, minha família, um lugar tranquilo solidário aonde uns ajudam os outros.*

Os moradores locais, enfatizam que é bom viver no Crepurizão, que é lugar muito acolhedor, que é tranquilo para se viver, a comunidade é muito solidária, com poucos vândalos e não tem assaltos, podem usar suas jóias, sem se preocupar de serem roubados, o que é bem diferente da cidade. Que a comunidade é pacífica e acata realmente um bom lugar para se viver.

Portanto, nota-se que os moradores que ali chegaram na década de oitenta, ainda permanecem morando na comunidade, tendo encontrado na mesma um bom lugar ara viver e constituir família, onde até hoje residem atualmente.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se, que o objetivo geral da presente pesquisa foi alcançado com grande êxito, onde foi feito um breve levantamento do surgimento e a importância da comunidade estudada, através dos relatos dos moradores locais, utilizando como base a escola de Analles que dá suporte para esse tipo de pesquisa através da história oral. Como também foi possível perceber que a comunidade ainda tem uma grande importância para a economia do município de Itaituba.

Também foi respondido as questões que nortearam o presente estudo, enfatizando as contribuições da comunidade para a economia do município de Itaituba o resgate de sua história e importância para o estado do Para.

Os conhecimentos que foram adquiridos na pesquisa, foram muitos, pois muitas informações sobre a fundação e origem da comunidade foram esclarecidos através dos relatos dos moradores locais.

A fundamentação teórica desse estudo, deu uma abrangência maior para a conceituação de comunidades, e como as mesmas se formam e se desenvolvem ao longo do tempo, demonstrando a importância da convivência em grupos sociais. Alguns autores foram de suma importância para o desenvolvimento desse estudo como Brandão (1984), Borges (2003), Almeida (2012), entre outros.

A técnica da coleta de dados através das entrevistas com moradores locais, permitiu um maior aprofundamento de algumas questões, pois as perguntas subjetivas deram subsidio arar o aprofundamento dos temas abordados nas entrevistas.

Essa pesquisa se tornou necessário para se conhecer um pouco sobre a origem da comunidade pesquisada, como também a sua importância socioeconômica para o município de Itaituba/Pará, contribuindo assim para as futuras gerações sobre a historiografia da comunidade em questão. Demonstrando que o estudo esta apenas iniciando essa temática, e que ainda muito há que ser levantado sobre essas comunidades garimpeiras, ribeirinhas da Amazônia brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djalмира de Sá. **História do município de Itaituba: importância econômica e geopolítica na Amazônia legal, na mesorregião do Tapajós no estado do Pará.** Curitiba: CRV, 2012.
- BORGES, VAVY PACHECO. **O que é história.** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia.** São Paulo: UNESP, 2010.
- BURKE, Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é História cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável. Metodologia de planejamento.** Rio de Janeiro: Caramond, 2002.
- BRANDÃO, Maria de Fátima. **Entre textos e contextos: os estudos de comunidade e as suas fontes históricas.** Revista: Análise Social, vol. XX, 489-503 Rui Graça Feijó, 1984.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COSTA, Rogerio. **Por um novo conceito de comunidade: o conceito de comunidade: o conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva.** Revista-Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago, 2005.
- COTRIM, Gilberto. **Historiar.** São Paulo: Saraiva, 2015.
- DIEHL, Astor Antônio. **Ideias de futuro no passado e cultura historiográfica da mudança.** Revista: história da historiografia • número 01• agosto • 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOLDWASSER, Maria Júlia. **ESTUDOS DE COMUNIDADE: TEORIA E/OU MÉTODO?** Revista. C. SOCIAIS, VOL, V N.0 1, 1974.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1992.
- MONTEIRO, Benedito. **História do Pará.** Pakatatu: Belém, 2012.
- OLIVEIRA, Persio Santos. **Introdução à sociologia.** São Paulo: Atica, 1994.
- TONNIES, F. **Comunidade, sociedade e sociabilidade.** Revista de ciências sociais v. 39 n. 1 2008.

PILLAR, VALÉRIO DE PATTA. **Ecossistemas, comunidades e populações: conceitos básicos**. UFRGS, Departamento de Ecologia. Revista: SistemasEcol.02 Jan 2002.

PCNS - Parâmetros curriculares nacionais. **História, Geografia /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

RODRIGUES, Carmen Izabel. **Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença**. Novos Cadernos NAEA. v. 9, n. 1, p. 119-130, jun. 2006, ISSN 1516-6481.

SANTOS, S.F.; SALLES, A.D.; MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; NASCIMENTO, F.R. **Os Munduruku e as “cabeças-troféu”**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 17: 365-380, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**TEMA: COMUNIDADE DO CREPURIZÃO: UM REGISTRO DOS
ASPECTOS HISTÓRICOS, ECONOMICOS.**

ACADÊMICO: FRANCISCO CASTRO DA SILVA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu _____ autorizo o uso da minha
Imagem e das informações prestadas nesta pesquisa.

_____/_____/_____
Itaituba-Pará, 2018.

APÊNDICE B



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- LTDA

FACULDADE DE ITAITUBA - FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

TEMA: COMUNIDADE DO CREPURIZÃO: UM REGISTRO DOS ASPECTOS HISTÓRICOS, ECONOMICOS.

ACADÊMICO: FRANCISCO CASTRO DA SILVA

Prezado entrevistados (a):

Este questionário é parte integrante de um trabalho de Conclusão de Curso de História da Faculdade de Itaituba, e tem por finalidade fazer um registro historiográfico, Comunidade Do Crepurizão: Um Registro dos Aspectos Históricos, Econômicos. Desde já agradeço imensamente a sua colaboração por prestar informações fundamentais para essa pesquisa e preenchimento do questionário solicitado.

Roteiro de Entrevista

Questionário aplicado a pessoas de descendência negra e que defendem sua cultura como: professores, acadêmicos, políticos e outros:

1. Dados pessoais.

a. Nome Completo? _____

b. Data de Nascimento? _____

c. Local de Nascimento? _____

d. Telefone para Contato? _____

e. Escolaridade? _____

2. Você sabe como a comunidade do Crepurizão surgiu, quando ela começou a se formar e por quê?

3. Qual é o tipo de economia vigente na presente comunidade, é a mesma desde sua fundação?

4. A comunidade possui identidade cultural própria? Qual é essa identidade?

5. Quanto a infraestrutura? Como a comunidade se encontra atualmente?

6. Em relação ao sistema educacional, e a saúde da comunidade, como ela está nesses últimos anos?

7. Qual a importância econômica da comunidade para o município de Itaituba?

8. O governo tem dado a devida atenção para a comunidade? Como ela ocorre ou poderia ocorrer?

9. Você gosta de morar nessa comunidade? Por quê?

ANEXOS

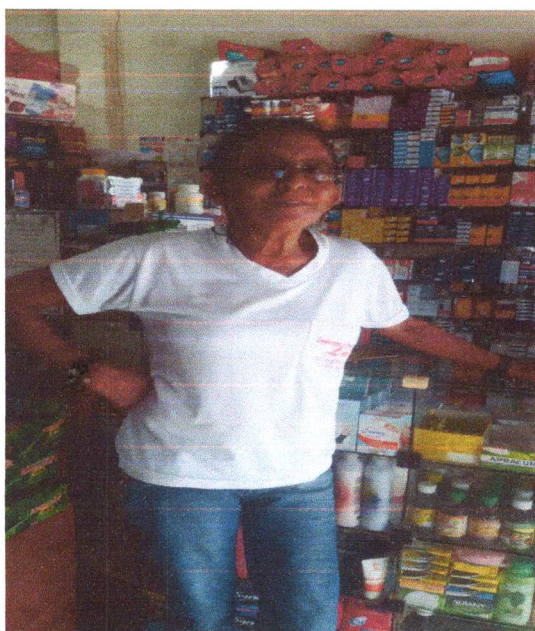
Entrevistados



Wanda Maria de Sousa compasso



Jose Dalla Rosa



Maria Lúcia de Jesus Sousa



Djanira Rodrigues Santos